

MEDICINA

TRATAMENTO DO DR. BEAUPERTHUY CONTRA A ELEPHANTIASE DOS GREGOS (1)

Ha justamente um anno que publicamos o ultimo dos artigos em que nos propuzemos a dar aos leitores da *Gazeta Medica* uma noticia do methodo empregado pelo Dr. Beauperthuy no tratamento da morphéa, ou elephantiasse dos gregos. Estarão lembrados os nossos collegas que leram a exposiçáo do methodo, que o Collegio dos Medicos de Londres, pouco inclinado a crer nas allegadas curas d'aquelle medico, e no testemunho confirmativo manifestado com amplo desenvolvimento nos relatorios do Dr. Bakewell, resolvera mandar um dos seus membros a Venezuela, afim de tomar conhecimento dos factos, e observar praticamente o preconizado tratamento da lepra. Com approvaçáo do governo, foi encarregado d'esta missáo o Dr. Gavin Milroy, o qual partiu effectivamente para o seu destino. Não terão tambem esquecido que o Dr. Beauperthuy falleceu repentinamente no dia immediato ao da chegada do Dr. Milroy.

Ao terminar o referido artigo diziamos ignorar se os Drs. Bakewell e Milroy proseguiram ou não em seus estudos depois d'este acontecimento inesperado.

O Dr. Bakewell nada mais publicou, que nós saibamos, ácerca d'este methodo therapeutico; mas o Dr. Milroy fez algumas investigações que vem consignadas no seu relatorio, cujo extracto encontramos no *Medical Times and Gazette* de 31 de maio ultimo.

Julgando que poderá interessar aos nossos leitores o juizo que formou do methodo Beauperthuy o delegado do Collegio dos Medicos de Londres, e tambem para completarmos a noticia do que sobre esta interessante materia se tem publicado em Inglaterra, daremos uma breve resenha d'aquelle relatorio, que, como se verá, não tira ainda a limpo esta momentosa questáo de therapeutica, visto que a morte surpreendeu o Dr. Beauperthuy no meio dos seus estudos experimentaes, e talvez em vespéras de alguma importante descoberta que pozesse fóra de toda contestaçáo a possibi-

lidade da cura da elephantiasse nos seus primeiros periodos.

Cingindo-nos á letra da noticia do referido jornal, e deixando á sua conta a exactidáo dos factos, e das asserções do Dr. Milroy, eis-aqui o que podemos colher:

Parêçe que este illustrado facultativo dirigiu-se primeiro á Guiana ingleza, ao pé de cuja capital está situado o principal asylo de leprosos da colonia; ao tempo da visita existiam ali 206 doentes em todos os periodos da molestia.

Estes eram, pela maior parte, de côr, havendo entre elles um só europeu, cuja doença offerencia duvidas, quanto ao diagnostico. Tendiam os factos colleccionados a estabelecer a crença, geralmente acccíta, de que a molestia não é transmissivel por infecção ordinaria. Doentes leprosos dormem com pessoas sãs, e até as relações sexuaes parecem incapazes de communicar o mal. D'aqui o pensar-se que elle nasce de causas dependentes do clima e da alimentaçáo; e ha muito que se julga ter que ver com a sua permanencia e diffusáo o uso extenso de máus alimentos, e particularmente do peixe salgado.

As formas observadas eram a tuberculósa, e não tuberculosa. Em alguns casos era tal a anesthesia, que os doentes queimavam os dedos no acto de preparar os alimentos, sem darem por isso. Os casos entregues aos cuidados do Dr. Beauperthuy estavam nos primeiros periodos; os mais adiantados eram por elle reputados improprios para o tratamento.

As investigações do Dr. Milroy levaram-n'o a reconhecer que, a muitos respeitoes, se assimilhavam muito a elephantiasse e a escrophula; e esta ideia achava apoio em terem as duas molestias o mesmo nome na Guiana, e nas Indias Occidentaes, isto é—mal regio—(*king's evil*), antiga denominaçáo da escrophulose em Inglaterra. Em ambas se observa notavel falta de forças, ou de tom, com actividade cardiaca diminuida, e um estado exsangue da economia.

As ulceras tambem se parecem com as que se observam nos individuos escrophulosos, podendo ainda ser considerados como outro ponto de similhaça os bem conhecidos enfartes dos ganglios lymphaticos na lepra. Ao mesmo tempo tem-se recentemente notado que em Demerara e nas In-

(1) Vide *Gazeta Medica* ns. 97, 100, 112, 117 e 120, de 1871 a 1872. (Vol. V.)

dias Occidentaes a diffusão das affecções escrophulosas vae em visivel incremento.

Segundo a noticia que temos á vista existe nas Indias Occidentaes, e na Guiana, a crença de ser possivel transmittir-se a elephantiasis de um a outro individuo; mas o exame rigoroso dos factos leva claramente a admittir a opinião contraria. É verdade haverem occorrido casos dispersos, nos quaes pode ter sido possivel a transmissão directa; porem a grande maioria de provas demonstram indubitavelmente que nem mesmo pelas relações sexuaes é capaz a lepra de transmittir-se. Tem-se julgado que a inoculação de sangue de leproso possa transmittir a molestia; porem succedeu a um medico ferir-se em um dedo praticando uma operação em um leproso, e todavia não se deu esse funesto resultado. Por algum tempo não poude elle tratar do seu ferimento, e por causa d'isso, ao que parece, soffreu de erysipela, que lhe occasionou a perda do dedo, mas sem nenhum outro resultado mau, quanto á saúde geral.

O Dr. Milroy entra ainda em outras investigações, como por exemplo a de saber, se não sendo contagiosa a molestia, como é que ella se propaga. A este respeito julga elle haver uma singular uniformidade de opinião. Se a não causam inteiramente, pelo menos favorecem, na maxima parte, o seu desenvolvimento, os maus alimentos, e as condições anti-hygienicas das classes inferiores do povo, nas quaes a molestia quasi unicamente se manifesta. Diz elle que em Demerara a população aborigene, que vive em melhores condições de salubridade do que os negros importados, e os colonos, ou as classes inferiores dos creoulos, não soffre de lepra. N'estas regiões em toda a parte parece consistir a alimentação dos pobres em peixe salgado principalmente, pouco nutritivo sempre, e esse mesmo de qualidade inferior. Fazem uso, algumas vezes, em forma de sopa, da carne salgada de vaca ou de porco; porém carne fresca quasi nunca a provam.

Depois de mais algumas considerações ácerca dos alimentos com que se sustentam as classes pobres n'aquellas regiões, occupa-se a noticia que temos á vista, com o fim principal da missão do Dr. Milroy, que era — investigar a possibilidade da cura da elephantiasis dos gregos, segundo o methodo do Dr. Beuperthuy. Sobre este assumpto,

que é o que mais nos interessa, diz o citado jornal:

« Este medico baseava essencialmente o seu tratamento nos principios já mencionados em relação ás causas da molestia. A primeira cousa a fazer era melhorar a dieta. Todas as vezes que eram melhores os alimentos melhoravam tambem os leproso, e isto até sem emprego de nenhum outro remedio. Pelo que respeita aos meios de realizar estes melhoramentos o Dr. Beuperthuy estabeleceu regras quando se encarregou da experiencia feita em Guiana. Administrava internamente um oitavo de grão de sublimado corrosivo duas vezes por dia, em alguns casos com uma dose de bicarbonato de soda, e isto continuava até que o mercurio produzisse os seus effeitos constitucionaes, caso em que este era substituido pela quinina, e mais tarde pelo iodureto de potassio. Infelizmente o Dr. Beuperthuy não chegou a completar a sua obra, que elle parece ter sempre considerado como experimental, e não definitiva, de modo que as suas conclusões finaes eram necessariamente imperfeitas.»

« Localmente empregava quasi unicamente o oleo de cajú, que era applicado sobre os tuberculos, ou sobre as maculas anestheticas. Este oleo é um caustico poderoso, e pode occasionar dôr aguda. Com elle despega-se a epiderme, applicando-se á superficie desnudada sumo de limão puro. Este methodo therapeutico, segundo o Dr. Milroy, é decididamente animador. Consegue-se com elle destruir os tuberculos, e restituir a sensibilidade ás partes anestesiadas. Este medico oppoem-se positivamente, comtudo, ao uso interno, e por muito tempo continuado do mercurio. O Dr. Beuperthuy já não vive, mas vivem depois d'elle as suas boas obras; e nós cordialmente nos associamos ao Dr. Milroy em louvar um homem que trabalhou tanto em favor de uma classe tão proverbialmente repudiada como é a dos morpheuticos. »

A julgarmos pela noticia do *Medical Times*, o Dr. Milroy não adiantou muito a questão. O seu juizo limita-se a considerar o methodo Beuperthuy *decididamente animador*, o que o reduz a uma simples tentativa de methodo, e que fica, por ora, no ponto em que a deixou o seu author. Persistem portanto, as duvidas, e a prudente reserva do Collegio dos Medicos de Londres, ficando este importante melhoramento na thera-

peuthica da lepra dependente de experiencias futuras, se para as emprender houver ainda um medico dotado dos sentimentos humanitarios, da paciencia, perseverança e abnegação do Dr. Beauperthuy.

No relatorio do Dr. Milroy vemos que se faz menção de um medicamento externo que o Dr. Bakewell não mencionou nos seus, que é o sumo concentrado de limão, applicado ás superficies que deixa excoiadas o oleo de cajú. Qualquer, porem, que seja o *rationale* d'esta applicação, parece-nos que ella não é essencial, porquanto, se o fim da cauterisação é destruir os tuberculos, e restituir á pelle, irritando-a; a sensibilidade, obtusa ou de todo perdida, o oleo, por si só, preenche este fim, e pode ser mais tarde repetido em caso de necessidade.

Por emquanto nada se pode accrescentar ao que ácerca do methodo Beauperthuy escreveram os Drs. Bakewell e Milroy, o primeiro talvez com demasiado enthusiasmo, e o segundo com a prudencia que o criterio scientifico aconselha, quando se trata de factos ainda não plenamente demonstrados pela experiencia, não de um só, mas de muitos observadores.

Se o Dr. Beauperthuy não poude legarnos um methodo curativo da lepra, deixou-nos ao menos indicado o melhor caminho para o encontrarmos algum dia, isto é, o caminho da observação esclarecida pela investigação das causas da molestia, da sua marcha e formas, das alterações dos liquidos e dos solidos da economia; esta é a melhor direcção para nos afastarmos de empirismo cego, e chegarmos a um tratamento racional. Elle não buscava um especifico para a cura da lepra, e sim os meios de supprir a falta d'elle; e com isto punha em pratica estas judiciosas considerações do illustre dermatologista inglez:

« Dos planos de tratamento apresentados, pode-se inferir que, na cura da elephantiasc, devemos confiar em nós mesmos, e não em qualquer dom que por acaso nos depare a Providencia; e do appreço devido a esta verdade é que dependerá o nosso acerto, e a segurança do nosso doente. Devemos empregar effectivamente os meios que possuímos, adquirindo assim um especifico mais poderoso do que qualquer outro que se nos offereça á mão, já feito e prompto. Se, depois d'este ensaio, vier o especifico, estaremos mais habilitados a empregal-o

judiciosamente; porem não vindo, temos descoberto os meios de passar sem elle. É provavel que a elephantiasc não houvera sido nunca o flagello do mundo, se esta verdade tivesse sido mais cedo reconhecida e posta em pratica. » (2)

Não nos consta que o tratamento iniciado pelo Dr. Beauperthuy tenha sido ensaiado entre nós, nem na clinica civil, nem nos hospitaes especiaes.

Pela nossa parte, não dispondo do vasto campo de observação que tiveram os Drs. Beauperthuy, Brassac, Bakewell e Milroy, e como o teem alguns dos nossos collegas que dirigem asylos de leprosos no Brazil, procuramos aproveitar as poucas oportunidades que nos depara a pratica civil para pôr em execução os seus conselhos hygienicos, e as suas prescripções therapeuticas. Ha mez e meio que tratamos de elephantiasc anethetica, no seu primeiro periodo, um doente de 13 annos, branco, bem constituido, filho de pae portuguez, e de mãe brasileira, já fallecida; é irmão de outro doente que succumbiu á mesma molestia aos 18 annos de idade; não ha na familia outros exemplos d'esta affecção. Ordenei-lhe a dieta e os preceitos hygienicos aconselhados pelo Dr. Beauperthuy.

Para uso interno prescrevi-lhe uma gramma de bicarbonato de soda por dia, em tres doses; para uso externo funcções de azeite quente de coco, duas vezes por dia, seguidas de banho morno com sabão phenicado; applicação, por meio de um pincel, de uma tenue camada de oleo da castanha de cajú, e sobre ella uma pasta de algodão cardado, nas manchas anetheticas dos membros inferiores, (em duas ou tres em cada um se ellas são pequenas, ou em parte de uma se são muito extensas.) O resultado até agora tem sido, que todas as maculas, que são muitas, e espalhadas por todo o corpo, estão mais desmaiadas na côr; e que n'aquellas que foram cauterizadas, e cuja crosta cahiu, persiste a mancha deixada pela cicatrização, mas a sensibilidade tactil foi restabelecida.

Já se vê que é muito cedo ainda para julgar dos effectos d'esta medicação apenas começada, mas é certo que este caso parece appropriado para o ensaio do tratamento, para cujo bom resultado não faltam, nem a coragem e boa vontade de doente, nem

(2) Erasmus Wilson. *On Diseases of the skin; a system of cutaneous Medicine*—London—1867—pag. 662.

diligencia por nossa parte. Qualquer que elle seja, porém, não deixaremos de offerecer á apreciação dos leitores da *Gazeta Medica*, a historia, não só d'este, como de outros casos que por ventura tenhamos de tratar sob os mesmos principios hygienicos e therapeuticos. (3)

Julho de 1873.

Silva Lima.

O OPIO NO TRATAMENTO DO TETANOS

Pelo academico Ribeiro da Cunha

No anno de 1872 tive o prazer de ver publicado nas columnas da *Gazeta Medica* (*) um estudo pratico, que fiz á respeito de um caso de tetanos, observado na clinica do Sr. Dr. Moura. Com os conhecimentos de que dispunha então, procurei demonstrar que esta affecção terrivel, espantalho da medicina de todos os tempos, não é uma nevrose da natureza da choréa, mas uma affecção especifica como a hydrophobia.

Acreditando na pathogenia especifica do tetanos, tratei de estudar o modo de obrar do medicamento, que passa pelo medicamento heroico no tratamento d'esta molestia, e venho hoje apresentar o pobre fructo de meu trabalho.

É para fazer pasmar o modo de applicação dos preparados opiaceos no tetanos: o tetanico como que adquire uma immunidade contra este poderoso narcotico.

Na observação de clinica que acabo de citar, fallei de um caso de tetanos, em que o Sr. Dr. Moura dera uma grande quantidade de laudano de Sydenham com optimo resultado.

Como explicar, pois, o modo de obrar do opio nas convulsões tetanicas? Donde vem ao organismo esta immunidade therapeutica? De que ordem é esta mudança, que se passa nas scenas do theatro da vida?

Meditemos.

A physiologia é o grande pharol do mundo das verdades medicas. Esta sciencia, para attingir o seu verdadeiro fim, para trazer vantagens á medicina pratica, não deve

(3) O oleo de cajú de que fazemos uso é preparado segundo a formula do Dr. Bakewell pelos Srs. Lima, Irmãos & C., o qual desde algum tempo nos tem servido com vantagem no hospital para substituir o vesicatorio ordinario, principalmente nos casos de hepate chronica, e em outros em que é precisa uma contra-irritação mais duradoura do que energica

(*) Vide—n. 123—15 de Setembro.

perder-se nas regiões transcendentales do vitalismo. O physiologista, quando procura descobrir os arcanos mais profundos do functionalismo intimo da vida, desvairá-se sempre, porque procura descobrir um mysterio.

A microscopia de mãos dadas com a physiologia buscando arrancar ao scio da organisação os phenomenos assombrosos da essencialidade vital, desvia-se do seu verdadeiro caminho, porque tenta ler a maravilha ingente dos segredos da creação.

Entre os phenomenos da vida da alma e os phenomenos da vida do corpo abre-se um abysmo insondavel.

A historia da medicina contemporanea nos dá uma prova inconcussa do que dizemos. Que somma de verdades scientificas construiu o celebre professor allemão proclamando a independencia de vida de cada cellula? Virchow tornou ainda mais obscura, mais confusa a physiologia da vida. A therapeutica por seu turno protesta contra a theoria cellular.

D'aqui se vê que a theoria de Virchow não tem vantagens praticas.

A physiologia deve só ter por base a observação e a experiencia.

A escola de Magendie, hoje erguida sobre as academias da Europa pelo braço potente de Claude Bernard, merece os applausos do seculo.

Quando Magendie em presença de Tiedemann derrubava a lei das sorosas, fixada por Bichat, mostrou á face da geração medica que a physiologia experimental é o alicerce gigante da sciencia do corpo humano.

Reconhecendo a importancia da physiologia em relação á therapeutica e á pathologia, tomamol-a por guia na solução d'este problema, enunciado na epigraphé de nosso acanhado artigo.

Continuando a pensar que o tetanos é uma verdadeira intoxicación do sangue, vamos-nos esforçar por explicar a acção do opio no tratamento d'esta molestia, conforme as ideias que temos sobre sua pathogenia.

O envenenamento pela strychnina produz convulsões tetanicas: (1) d'ahi conclui no meu trabalho publicado o anno passado com razões que deixo aqui de repetir, que o tetanos é tambem uma intoxicación.

É mister agora completar este nosso argumento por analogie

(1) Vide *Traité de Therapeutique* de Trousseau et Pidoux.—2.º vol.—pag 3.